

A ESCRITA BRASILEIRA RECENTE NO ÂMBITO DE UMA HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS ESCOLARES (1990-2008)¹

Décio Gatti Júnior

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Uberlândia, Brasil

Resumo

Trata-se da apresentação de reflexões realizadas a partir da análise da produção histórico-educacional vinculada à temática da História das Disciplinas Escolares. Preliminarmente, depreende-se da análise a existência de uma hermenêutica da História das Disciplinas Escolares que comporta a recusa de tratar à temática da disciplina escolar de modo prescritivo e a-histórico, o esforço em abordar a temática de modo compreensivo e, por fim, a busca da compreensão dos usos sociais das disciplinas nos diferentes níveis de ensino. Do ponto de vista de uma heurística da história das disciplinas escolares, aborda-se a fertilidade da utilização de fontes/evidências, tais como as mais comumente apresentadas nas investigações neste campo, a saber: bibliografia variada, documentos impressos e manuscritos, depoimentos orais e iconografia. Por fim, apresenta-se uma análise sintética de algumas das principais obras, com autores brasileiros, publicadas em forma de livro no período compreendido entre 1990 e 2008. Preliminarmente, conclui-se que a renovação advinda da virada antropológica no campo da História e da História da Educação possibilitou o estabelecimento, em melhores bases, de uma compreensão da dialética existente na relação entre a particularidade das atividades desenvolvidas pelos indivíduos nas escolas e o que se passa de modo mais geral na sociedade.

Palavras-chave: História, Educação, Disciplina, Livro Didático.

Abstract

This paper presents reflections based on the analysis of history production for educational use within the theme of the History of School Disciplines. In the first place, we conclude from the analysis that there is a hermeneutic of the History of School Disciplines that contains the refusal of dealing with the theme of school disciplines in a prescriptive and a-historical way, the effort of approaching the theme in a comprehensive way and, finally, the search to understand the social uses of the disciplines in the different levels of teaching. From the point of view of the heuristic of the History of School Disciplines, the fruitfulness of the use of sources and evidence, such as those commonly presented in investigations in this field is discussed. Such sources and evidence here include: a varied bibliography, printed documents and manuscripts, oral depositions and iconography. Finally, a synthetic analysis of some of the principal works published in book form in the period between 1990 and 2008 by Brazilian authors is presented. In a preliminary analysis, it may be concluded that a renewal originating from the turn toward anthropology in the field of History and the History of Education allowed for the establishment on a firmer foundation, of a recognition of the dialectic of the existing relationship between the private activities developed by individuals in schools and what passes in a more general way in society.

Key words: History, Education, Discipline, Textbook.

Introdução

Neste estudo é empreendida uma reflexão sobre os aspectos principais do esforço de constituição de uma hermenêutica e de uma heurística investigativa no âmbito da História das Disciplinas Escolares no Brasil. Trata-se de campo de pesquisa relativamente recente no país, com trabalhos pioneiros redigidos no final da década de 1980, com continuidades de estudos e pesquisas que se tem realizado especialmente nos processos de formação de pesquisadores em nível de Mestrado e de Doutorado nos programas de pós-graduação brasileiros.

Com vistas à efetivação da reflexão pretendida, optou-se por restringir o corpus documental a ser analisado preferencialmente aos textos originariamente destinados ao formato de dissertações e de teses vinculadas aos programas de pós-graduação que, ao longo do tempo, foram publicados, por diferentes editoras nacionais, em forma de capítulo de livro ou de livro. Esta opção tornou-se possível, pois estes textos foram suficientes para o trabalho de reflexão pretendido, bem como pelo fato de que dada à natureza destas publicações, capítulos de livro e livros, provavelmente, elas alcançaram público mais significativo em termos quantitativos.

Diante desta opção inicial, afigura-se importante anunciar, desde logo, que o presente estudo não comporta um balanço da produção no âmbito da História das Disciplinas Escolares e o exame completo de seus contornos específicos, tarefa importante, mas que poderá ser realizada mais a frente pelo próprio autor ou por outros pesquisadores da área.

1. Aspectos de uma hermenêutica da história das disciplinas escolares

A abordagem proposta pela História das Disciplinas Escolares (CHERVEL, 1990) opõe-se às análises presentes na obra do especialista em didática da matemática, Yves Chevallard, para quem a didática é a criadora dos processos de transposição do conhecimento científico ao escolar (BITTENCOURT, 2003; VALENTE, 2004). André Chervel (1990) toma as disciplinas escolares e, conseqüentemente, os saberes das quais são portadoras, não como a adaptação ou transposição do saber de referência para a disciplina escolar, pois que a constituição dos saberes escolares, concretizados por meio das disciplinas, segue itinerário bastante diferenciado, obedecendo a demandas de esferas quase nunca idênticas àsquelas existentes na produção do conhecimento científico (GATTI JR, 2004, p. 28-9). Para Chervel, a disciplina escolar é

[...] constituída por uma combinação, em proporções variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e de um aparelho docimológico, os quais, a cada estado da disciplina, funcionam em estreita colaboração, do mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades. (CHERVEL, 1990, p. 207)

A perspectiva da História das Disciplinas Escolares não negligencia os aspectos ontoepistêmicos da investigação científica, mas sim estimula uma análise que exige o reconhecimento da dimensão histórica como fundamento para a análise no âmbito das ciências, ou seja, da necessária articulação entre teoria e evidência, em oposição às tendências abstratas que predominavam no campo.

A recusa de tratar à temática da disciplina escolar de modo prescritivo e a-histórico, o esforço em abordar a temática de modo compreensivo e, por fim, a busca da compreensão dos usos sociais das disciplinas nos diferentes níveis de ensino pode ser descrito como traço comum de uma hermenêutica da História das Disciplinas Escolares.

Para tanto, os pesquisadores têm comumente: determinado os lugares e os tempos em que a disciplina esteve presente nos currículos escolares; compreendido os processos que conferiram identidade ou diferentes identidades às disciplinas; apreendido a diversidade de perfis programáticos que as disciplinas possam ter assumido ao longo do tempo; percebido o perfil dos docentes que têm se dedicado ao ensino das disciplinas escolares; desvendado as marcas histórico-educativas que perpassam os materiais pedagógicos fundamentais no trabalho docente/discente, com centralidade nos manuais pedagógicos/livros didáticos.

Em vista da amplitude que as investigações sobre disciplinas escolares comportam, dada, sobretudo, a imensidão territorial e o nível de ocupação populacional e de difusão da escola no Brasil, os pesquisadores, de modo geral, procedem a reduções de escala que conferem caráter particular às investigações.

Santos (2007, p. 97) apresentou categorias de análise importantes para as investigações no campo da história das disciplinas escolares, a saber: 1) presença, com variáveis institucionais e de cursos em que a disciplina aparece, com diversidade ampla, incluindo Escolas Normais, escolas secundárias, instituições de ensino superior e programas de pós-graduação; 2) identidade, com preocupações que recaem sobre a diversidade de denominação, do estado, de regime e de carga horária; 3) normas e finalidades, buscadas no exame do contexto sócio-histórico mais amplo expresso em documentos legais sobre natureza e especificidade do ensino da disciplina e determinações do currículo prescrito; 4) perfil programático, com as variáveis matriz epistemológica, organização dos conteúdos (dimensões de espaço e de tempo), organização horizontal; currículo em ação (seleção de conteúdos e escolha de métodos pedagógicos), metodologia de ensino e material pedagógico; 5) perfil docente, com as variáveis formação (titulação), recrutamento (forma de ingresso), atividade de ensino (nível de dedicação), atividades de pesquisa (nível de dedicação), atualização (formas e meios), participação associativa; 6) perfil discente, com exame da origem social, formação, forma de ingresso, nível de apropriação e trajetória profissional; 7) materiais pedagógicos, com centralidade no exame dos manuais pedagógicos (destinação, autores, editores, difusão, conteúdos explícitos, acesso), mas também de outras tecnologias de ensino (quadro-negro, retroprojeter, slides, músicas, filmes e, mais recentemente, mídias digitais integradas).

Quanto à relação entre estes aspectos de hermenêutica e a construção de um corpus documental, a pesquisa em História da Educação, dado o recorte doutrinário e moralista que comportou por muito tempo (NUNES, 1996; WARDE e CARVALHO, 2000), abriu-se

pouco ao diálogo entre teoria e evidência, presente, desde há muito, no campo da narrativa histórica de modo geral. Neste sentido, a pesquisa em História da Educação passou a significar, ao lado da pesquisa em História, a negação de hipóteses explicitadas de antemão, conforme expressou Nunes (2003) em tom autobiográfico:

Os autores lidos, sobretudo os historiadores citados, ensinaram-me que, ao contrário de um projeto no qual as hipóteses são explicitadas de antemão, o que importava era construir essa explicitação, para que o texto ganhasse movimento e interesse. Nada estaria definido a priori, embora isso não significasse a inexistência de um plano anterior. Escrever a história seria também recriar uma atmosfera (aquela sugerida pelos arquivos), preparando o leitor para o deslocamento de época, espaço, mentalidade (NUNES, 2003, p. 125).

Em termos epistemológicos, o que parece estar em jogo aqui não é a atribuição à razão, ao método ou mesmo às fontes de pesquisa do critério de validade dos conhecimentos científicos alcançados, mas sim a qualidade do diálogo estabelecido pelo pesquisador/historiador entre teorias, métodos e evidências na efetivação de seu processo de investigação, o que não aparece de antemão, mas sim nos resultados apresentados.

O termo objetivação representa o que se trata de observar em uma investigação científica (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 42-4) e, para o caso específico da pesquisa histórico-educacional, afasta-nos do campo de uma Filosofia da História, seja ela idealista ou realista, mas nos aproxima da necessidade da Historiografia, vista como lugar em que diferentes interpretações, teorias e métodos são analisados a partir da qualidade do processo de objetivação alcançado pelo historiador na defesa de suas análises e interpretações, ou seja, de suas teorias.

Em complemento à noção de objetivação, é importante trazer reflexões realizadas por Nóvoa (1998, p. 45-6), enfatizando a necessidade de uma nova formulação epistemológica que valorize o sujeito e que dê voz aos sujeitos educativos, àqueles que animam o cotidiano escolar, sendo a escola tomada como um lugar reprodução e produção de uma cultura escolar e social, como um lugar de possibilidades, e não de uma única possibilidade, de uma única visão de mundo.

Além disso, disseminou-se uma percepção de novas entradas analíticas substantivas, como os processos de formação, profissionalização, recrutamento e de organização e mobilização dos professores, entre outros, o que vai de encontro à formulação de Dominique Julia (2001) sobre a cultura escolar, sendo a mesma um

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sócio-políticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Neste sentido, a afirmação de Julia remete a tentativa de identificar os saberes e

condutas, disseminados nas várias instituições de ensino, por meio de sua cultura material e imaterial, de acordo com cada época e se esse habitus, aplicado no interior das instituições, relacionava-se com a cultura geral existente na sociedade que as escolas integram.

Então, a forma como a escola procura se organizar reforça os mecanismos geradores de adaptação e de dominação, e são esses mecanismos que têm a função de informar os processos pedagógicos, organizativos, de gestão e de tomada de decisões que acontecem no espaço interno da instituição escolar e que estão muito além do que está escrito na legislação educacional, isso porque cada escola tem uma maneira muito específica de exercer as suas normas internas.

Para Julia, a cultura escolar evidencia que a escola não é somente um lugar de transmissão de conhecimentos, mas é, ao mesmo tempo e talvez principalmente, um lugar de “[...] inculcação de comportamentos e de habitus (JULIA, 2001, p. 14). A necessidade de conformação dos objetivos educacionais aos limites apresentados pela sociedade, em cada período da história, também tem impacto decisivo no estabelecimento da cultura escolar, pois ela é uma “[...] cultura conforme, e seria necessário traçar, a cada período, os limites que traçam a fronteira do possível e do impossível” (JULIA, 2001, p. 25).

É evidente que existe uma dialética entre aquilo que se passa na escola e na sociedade, uma via de mão dupla, e não de mão única, como se pretendeu em certos tipos de análises macroestruturais da sociologia de corte positivista e funcionalista e mesmo nas diatribes da tradição proveniente do marxismo vulgar (GATTI JR., 2002). O conceito de cultura escolar encontra um nível satisfatório de correspondência com a visão ampla de currículo, elaborado no interior da sociologia crítica do currículo, para a qual disciplinas, práticas escolares e finalidades sociais mais amplas devem ser analisadas dialeticamente em um processo de pluri-determinação.

2. Evidências históricas acionadas no âmbito da História das Disciplinas Escolares

A partir dessas reflexões iniciais em torno da efetivação de uma hermenêutica da História das Disciplinas Escolares é possível passar a questão das fontes nas pesquisas neste campo de investigação, ou seja, uma reflexão no campo da heurística dessa modalidade de investigação.

O desenvolvimento de abordagens no âmbito da História sobre a cultura e o cotidiano, desde o final da década de 1920, seja no campo dos historiadores influenciados pelo marxismo e daqueles próximos da Escola dos Anais, promoveu, por uma série de motivos, um alargamento das fontes empregadas pelos historiadores nos processos de objetivação que empreendem em suas pesquisas (GATTI JR., 2002).

Com a difusão dessas novas formas de pensar, pesquisar e de narrar na História para o campo dos historiadores da Educação, prolifera, entre estes, também uma mudança tanto na forma de problematizar como na de efetivar a pesquisa histórico-educacional. Clarice Nunes, ao introduzir um estudo sobre os saberes construídos em História da Educação, por

meio do exame dos manuais de história da educação, evidencia este alargamento de fontes.

A descoberta desses modos de construção [da História da Educação] pode ser feita através de vários itinerários e com outras fontes, impressas ou não, como os discursos ministeriais, as circulares, os pareceres, os programas escolares, os relatórios de inspeção, os projetos de reformas, os artigos, os manuais destinados aos docentes, as polêmicas críticas, os planos de estudo, os planos de curso, os relatos de bancas examinadoras, os debates de comissões especializadas, etc. (NUNES, 1996, p. 67)

À percepção desse alargamento de fontes para o estudo da História da Educação, agrega-se uma preocupação cada vez mais difundida pelos historiadores da educação com a aquisição de formação adequada para o trabalho com as mesmas, pois que, ao incluir entre os materiais históricos (fontes), evidências diversificadas para além da documentação manuscrita e impressa (atas, normas, regulamentos, programas etc.), para as quais já havia procedimentos de tratamento sedimentados, surgem novos desafios, no sentido de garantir um processo de objetivação que não proceda, sobretudo, a reducionismos interpretativos em função de um procedimento pouco rigoroso com essas novas fontes, tais como: os depoimentos de indivíduos, a iconografia, os objetos de ensino (museus escolares), a imprensa periódica, os manuais de ensino etc.

A título de exemplo, tanto sobre o ensino de História quanto sobre o de História da Educação, destaca-se a utilização de fontes tradicionais e novas nas investigações, tais como os manuais de ensino, que tiveram alguma centralidade em diversos trabalhos (BITTENCOURT, 1990, 1993; CARVALHO, 1991; CARVALHO, 1992; CHOPPIN, 2002; ESCOLANO BENITO, 1998; FONSECA, 1993; FONSECA, 2003; GATTI JR., 2004; NUNES, 1996; ROCHA, 2001; VEIGA E FARIA FILHO, 2001), os programas de ensino (BASTOS, BUSNELLO E LEMOS, 2006; BITTENCOURT, 1990, 1993; FONSECA, 1993; NÓVOA, 1994; RIBEIRO, 1995), as histórias de vida (FONSECA, 1997; MONARCHA, 1999), os depoimentos de autores, professores e alunos (GATTI JR., 2004), o exame iconográfico, entre outras possibilidades.

Assim, como desdobramento necessário da escolha do trabalho de investigação no âmbito de uma História Disciplinar mais abrangente, bem como das categorias de análise e suas variáveis correspondentes, a efetivação da pesquisa conta com a utilização de materiais históricos e fontes diversificadas que incluem: bibliografia variada, tais como livros científicos e manuais escolares/livros didáticos (sobretudo), capítulos, artigos científicos, etc.; impressos, tais como legislação de ensino, grades curriculares, planos de ensino (sobretudo), planos de aula, etc.; manuscritos, incluindo atas, diários de classe (sobretudo), cadernos de alunos/futuros professores, etc.; orais, tais como depoimentos de autores de manuais pedagógicos, ex-professores, ex-alunos/futuros professores etc.; iconográficas, incluindo fotografias de época, com professores e turmas de alunos em sala de aula e mesmo fora dela.

3. Apontamentos sobre uma produção historiográfica recente

Quanto às obras que, de alguma maneira, caminham na direção de uma História das Disciplinas Escolares, podem ser destacadas algumas que foram publicadas em forma de coletânea ou de livro e que tiveram sua publicação desde o ano de 1990, com nítida concentração naquelas dedicadas à temática do ensino de História.

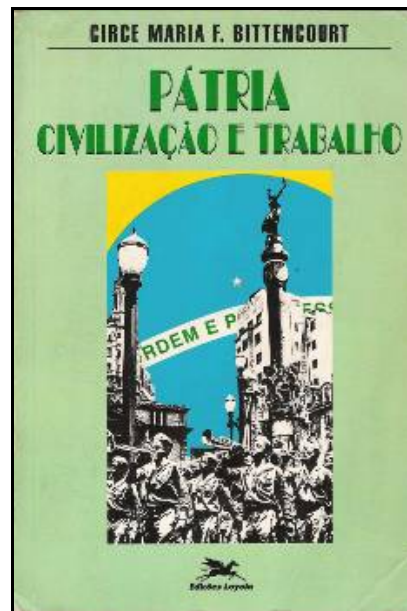


Figura 1 - Capa do livro de Circe Maria Fernandes BITTENCOURT, de 1990, intitulado “Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917- 1939)”, São Paulo: Edições Loyola.

Em 1990 foi publicado pela Edições Loyola o livro intitulado “Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)”, de autoria de Circe Maria Fernandes Bittencourt. Texto pioneiro no âmbito da História das Disciplinas Escolares, oriundo de trabalho de pesquisa desenvolvido no período de 1985 a 1988, sob a orientação de Raquel Glezer, resultando em dissertação de Mestrado, cuja publicação em forma de livro conservou o título original da dissertação, tendo sido a referida dissertação defendida em 1988, no âmbito do Curso de Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo.

Trata-se de uma obra sobre o ensino de História em São Paulo no período republicano, cujo ponto de partida foi à recuperação da “pedagogia do cidadão”, fundamental para a compreensão das articulações teóricas do ensino de História naquele momento, bem como para a percepção do processo de ocultar as diversidades, as multiplicidades e a destruição sistemática de projetos alternativos que levaram o Estado Republicano a se considerar o “criador” da identidade nacional, o que significou um reencontro com formulações, propostas e estereótipos presentes desde o século XIX até a atualidade, como única forma, outrora e hoje, de formar cidadãos conscientes.

No primeiro capítulo, Bittencourt (1990) procede à contextualização do ensino de

história nos ginásios paulistas, sob a luz da idéia de civilização e progresso, com análise específica das reformas ocorridas no ensino secundário, da “multiplicação das disciplinas históricas”, dos programas, métodos e conteúdos das aulas de História. Em seguida, a autora aborda a história ensinada na escola primária, sob a luz da idéia de pátria e trabalho, com aprofundamento nos programas de ensino das escolas populares e as representações de trabalho e dos trabalhadores nas aulas de História, com vistas à formação do “cidadão digno”, pelo trabalho organizado, com o objetivo de construir a “nova nação moderna”, inspirada nos países europeus e norte-americanos. Finaliza com uma reflexão sobre a articulação das tradições nacionais ao papel fundamental exercido pelo ritual das festas cívicas, por meio da recuperação do processo de “construção das “tradições nacionais” e as festas cívicas organizadas nas escolas para perpetuar, na memória dos alunos, quem deveria ser considerado como agente histórico”(BITTENCOURT, 1990, p. 28). Assim, para a autora, cristalizava-se uma interpretação que levava à visão das crianças e jovens de que as autoridades e os membros das elites tinham exclusividade na ocupação do poder.

Depreendem-se da leitura atenta do texto que para a construção da interpretação de Bittencourt foram consultadas variadas modalidades de fontes de pesquisa: 1) fontes manuscritas, tais como livros de ata escolar, relação de diplomados no ensino superior; 2) fontes impressas, em especial, anais e anuários de organizações civis e religiosas ligadas à educação, inquéritos, jornais, legislação, programas de ensino, revistas; 3) bibliografia variada; 4) livros didáticos diversos. Nesta obra observam-se o equilíbrio na investigação entre a utilização da legislação de ensino, os programas de ensino e os livros escolares utilizados.

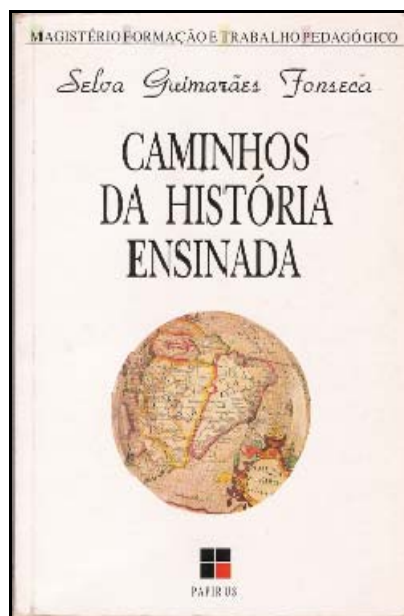


Figura 2 - Capa do livro de Selva Guimarães FONSECA, de 1993, intitulado “Caminhos da História Ensinada”, Campinas/SP: Papyrus.

Em 1993, a editora Papyrus publicou a obra intitulada “Caminhos da História

Ensinada”, de autoria de Selva Guimarães Fonseca, cujo objetivo estava ligado a analisar as formas de ensino da disciplina História nas escolas brasileiras de 1º e 2º graus, atuais Ensinos Fundamental e Médio. Livro este que consiste na comunicação de resultados de investigação desenvolvida no período de 1988 a 1991, com vistas à obtenção do título de Mestre em História Social, na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Marcos Antonio da Silva.

No primeiro capítulo, a autora reflete sobre as alterações no currículo prescrito de História nas décadas de 1970 e 1980, passando pela doutrina de segurança nacional da época da Ditadura Militar, pela reforma educacional da Lei 5692/71 e, por fim, pelo revisionismo advindo do período de redemocratização na década de 1980. No segundo capítulo, Fonseca (1993) analisa as prescrições do Estado para o ensino de História contidas nos guias curriculares de São Paulo e de Minas Gerais na década de 1970, a partir do preconizado na Lei 5692/71, bem como o crescimento da importância dos livros didáticos, como suportes privilegiados dos conteúdos explícitos da disciplina de História.

No terceiro capítulo, analisa a semelhança do capítulo anterior das prescrições estatais para o ensino oficial de História nos guias curriculares dos mesmos estados, Minas Gerais e São Paulo, porém, no período de mudanças viabilizadas pela abertura política vivenciada na década de 1980, com conseqüências marcantes para o ensino escolar da disciplina História. Por fim, no quarto capítulo, a autora faz digressões acerca da relação entre a universidade e o Ensino Fundamental nas mudanças no ensino escolar da disciplina de história, bem como das implicações da indústria cultural sobre estas mesmas mudanças.

Nesta obra, percebe-se a consulta a: 1) bibliografia variada na área; 2) documentos, relatos, pareceres e fontes estatísticas; 3) legislação de ensino; 4) livros didáticos e paradidáticos; 5) jornais, revistas, folhetos e artigos.



Figura 3 - Capa do livro de Maria Ângela MIORIM, de 1998, intitulado “Introdução à História da Educação Matemática”, São Paulo, Atual.

A obra de Amorim (1998), “Introdução à História da Educação Matemática”, publicada pela editora Atual, deriva de sua tese de doutorado, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1995. A pesquisa com vistas ao doutorado em Educação foi efetuada no período de 1984 a 1995, sob a orientação de Lafayette de Moraes.

A semelhança do texto da tese, o livro está dividido em quatro capítulos. Nos três primeiros, a autora traça um histórico do ensino da matemática em termos mundiais, desde as origens até a época da modernização. No quarto e último capítulo, apresenta um histórico do ensino de matemática no Brasil.



Figura 4 - Capa do livro organizado por Ilmar Rohloff de MATTOS, em 1998, intitulado “Histórias do Ensino da História no Brasil”, Rio de Janeiro: Editora Access.

Sob o título de “Histórias do Ensino de História no Brasil”, Ilmar Rohloff de Mattos organizou uma coletânea em 1998, com publicação pela editora Access, congregando um texto de introdução do próprio organizador e seis capítulos com diferentes autores vinculados ao projeto “Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador”, no âmbito do Programa de Apoio à Integração Graduação-Pós-Graduação (PROIN), patrocinado pela CAPES/MEC.

A coletânea reúne capítulos de autores conhecidos da área de História e do ensino de História, a saber: Kaori Kodama, Selma Rinaldi de Mattos, Patrícia Santos Hansen, Luís Reznik, Daniel Mesquita Pereira e Francisco José Calazans Filho. Esforço importante de constituição da pesquisa histórica sobre o ensino de História no Brasil, com uso de variadas fontes de investigação no processo de construção dos objetos e das interpretações apresentadas.

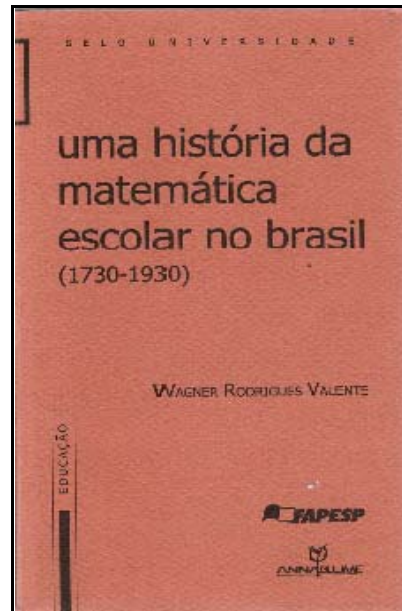


Figura 5 - Capa da segunda edição do livro de Wagner Rodrigues VALENTE, publicada em 2002, intitulada “Uma História da Matemática Escolar no Brasil (1730-1930)”, São Paulo: Annablume: FAPESP (A primeira edição foi publicada em 1999).

Na obra de Valente (1999), “Uma História da Matemática Escolar no Brasil (1730-1930)”, um conjunto de manuais escolares utilizados no Brasil durante dois séculos foi a fonte privilegiada na investigação (1730-1930). O texto da obra resulta de investigação feita no Brasil e na França com vistas à formação em nível de doutorado, sob a orientação de Marli Elisa Dalmaso André, do Curso de Doutorado em Educação da Universidade de São Paulo, no período de 1993 a 1997.

Valente apresenta a Matemática como uma disciplina escolar negligenciada durante um longo tempo pelos historiadores da educação em detrimento da pesquisa no campo dos saberes elementares e das humanidades. Tal situação veio a se modificar em decorrência do desejo dos didáticos das matemáticas que tinham a intenção de apresentar seus trabalhos através de uma perspectiva histórica e, também, pela importância que os historiadores dessa disciplina viam em seu papel perante o desenvolvimento da mesma.

O autor elucida que no período pesquisado (1730-1930) constituiu-se a Matemática Escolar Tradicional ou Matemática Escolar Clássica, que se difere da matemática escolanovista ou moderna. Mostra, sucintamente, a evolução da matemática de saber prático para o saber escolar, partindo de sua gênese o ensino militar e mostrando como a escrita escolar passou por vários momentos, distintos entre si, mas que teve grande influência na trajetória escolar dessa disciplina e na concepção de novas práticas pedagógicas a ela relacionadas. É importante ressaltar que o texto contribuiu para o campo da educação que trata da História das Disciplinas, pois se trata de uma investigação minuciosa a respeito da trajetória do livro didático e da gênese e instituição da Matemática como disciplina escolar.



Figura 6 - Capa do livro de Selma Rinaldi de MATTOS, de 2000, intitulado “O Brasil em Lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo”, Rio de Janeiro: Editora Access.

Em 2000, Selma Rinaldi Mattos teve publicada a obra “O Brasil em Lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo” pela editora Access. Fruto da dissertação de mestrado defendida no Instituto Superior de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE/FGV), sob a orientação de José Silvério Baia Horta.

Mattos aborda a disciplina de História no período do Império Brasileiro, por meio do exame do processo de construção de uma biografia da nação como pedagogia da formação do povo brasileiro no Brasil Império: por meio da relação que estabelece em Joaquim Manuel de Macedo do I.H.G.B. e sua obra “Lições de História do Brasil”, destinada, inicialmente, ao ensino de História do Brasil no Imperial Colégio de Pedro II. As fontes empregadas na investigação incluem documentos manuscritos, periódicos, obras literárias, manuais escolares e bibliografia variada.

Sob impacto da nova historiografia brasileira, expressa na História Geral do Brasil de Varnhagen, publicada em 1854, Macedo, entre 1861 e 1863, publicou as Lições de História do Brasil, objeto central da análise de Mattos, incluindo: Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II - 4º Ano (1861); Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II - 7º Ano (1863); Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária (1863). Obras que tiveram repercussão até a República Velha, com revisões e atualizações realizadas em 1905, por Olavo Bilac, e, entre 1914 e 1922, por Rocha Pombo. Mattos informa também sobre a atuação político-partidária de Macedo, que teria tido mandato como Deputado Provincial pelo Partido Liberal nos seguintes períodos sucessivos: 1864-66, 1867-68, 1878-81. Sua morte, em 1882, interromperia essas atividades.

Mattos parte da assertiva de que Macedo distinguia a pesquisa e escrita da História

(para o que o papel do IHGB era central) e do ensino de História, enquanto campo da difusão de conhecimentos (para o que o papel do ICPII era primordial). Para Mattos, ao ver o indígena como um bárbaro sem fé, Macedo “[...] quase trezentos anos depois, [...] ensinava algo semelhante aos estudantes e meninos, frisando a importância de impor uma fé, uma lei e um imperador àqueles que insistiam em permanecer fora da História” (MATTOS, 2000, p. 107).

Porém, foi o tema da Guerra Holandesa que mais contribuiu para dar consistência empírica à interpretação construída por Selma Rinaldi Mattos sobre as Lições de Macedo. O autor de *A Moreninha* via, na Guerra Holandesa, seu caráter civilizador, pois a “[...] luta permitia que as qualidades positivas daquelas duas outras ‘raças’ se manifestassem, simbolicamente, em seus representantes já ‘civilizados’ ” (MATTOS, 2000, p. 110), deixando claro aos jovens leitores o que deveria ser o Brasil independente: “[...] uma monarquia, de população católica, mas onde a liberdade se expressava por meio da existência de um governo constitucional, da tolerância religiosa e da liberdade comercial” (MATTOS, 2000, p. 113). E o que era mais importante para Mattos: a “[...] narrativa da ‘guerra holandesa’ é a maneira de constituir uma memória nacional e uma história geral, em oposição a uma memória nativista e uma história provincial” (MATTOS, 2000, 113).

Por fim, sobre a temática da emancipação política, Mattos assinala o caráter evolucionista da biografia da nação difundida por Macedo: “[...] a Independência (a ‘fase adulta’) era um desdobramento natural e inevitável do descobrimento e da colonização portuguesas” (MATTOS, 2000, p. 115).



Figura 7 – Capa do livro de Flávia Eloísa CAIMI, de 2001, intitulado “Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)”, Passo Fundo: UPF.

Em 2001, foi publicada a obra de Flávia Eloísa Caimi, “Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)”, pela editora da Universidade de Passo Fundo

(UPF). Resultado de pesquisa desenvolvida no período de 1997 a 1999 no Curso de Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, sob a orientação de Astor Antônio Diehl.

O trabalho está apresentado em cinco capítulos. No primeiro, a autora situa questões relacionadas a origem da disciplina no século XIX e a proposta de José Veríssimo no final desse mesmo século, passando pelas assertivas oriundas da I Conferência Nacional de Educação de 1927, chegando a análise do ocorrido na década de 1930 e a emergência dos Estudos Social durante a Ditadura Militar de 1964. Percurso este que objetivas apontar os caminhos da história como disciplina escolar.

No capítulo dois, a autora trata dos agentes da discussão sobre ensino de História nas décadas de 1980 e 1990, como esforço de consubstanciação da base empírica da investigação. Aborda, desse modo, a identidade dos autores de obras sobre o ensino de História no período, seus suportes bibliográficos de âmbito geral e especificamente sobre o ensino de História, bem como as principais tendências do debate acadêmico e escolar sobre o ensino de História.

A natureza, a especificidade e os principais elementos da crise do ensino de História são os temas abordados no terceiro capítulo da obra de CAIMI. Para tanto, discorre sobre sub-temas variados, incluindo: as relações entre ensino, sociedade, meios de comunicação social e Estado; as políticas educacionais e a implantação dos Estudos Sociais; a formação dos profissionais na área de História; a influência da Historiografia e as concepções de História; as concepções de ensino e de aprendizagem; o papel de professores e alunos no processo pedagógico.

No quarto capítulo, a autora aponta as perspectivas, propostas e tendências atuais da pesquisa e do ensino de História, abordando sub-temas tais como: a realidade social como objeto, objetivo e finalidade do ensino de História; a integração pesquisa-ensino; a formação e atuação do professor; a relação presente-passado; a dicotomia identidade nacional/pluralidade cultural.

Por fim, no quinto capítulo, a autora estabelece relações entre os paradigmas da História e as metodologias de ensino, por meio da análise dos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade, situando as críticas direcionadas ao ensino de História e as propostas decorrentes para o ensino de História.

Por se tratar de um trabalho em que a reflexão teórico-metodológica sobre o ensino de História predominou a consulta a fontes bibliográficas de modo geral e, de modo particular, àquelas referentes ao ensino de História, sobretudo em forma de livros e de coletâneas, mas também de periódicos científicos.

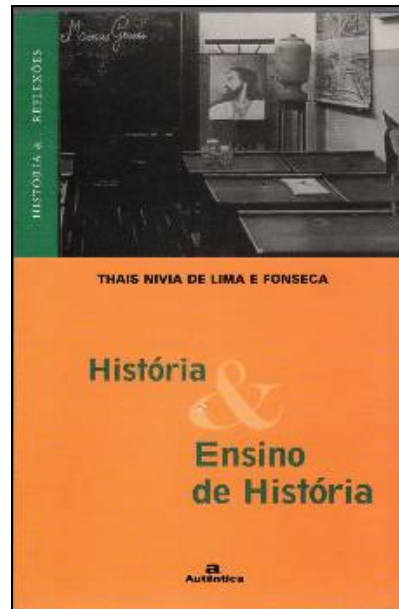


Figura 8 - Capa do livro de Thais Nívia Lima FONSECA, de 2003, intitulada “História & Ensino de História”, Belo Horizonte: Autêntica.

Na altura de 2003, Thais Nívia de Lima e Fonseca, sob o título de “História & Ensino de História”, teve publicada pela Editora Autêntica uma obra de reflexão sobre “a trajetória do ensino de História ao longo do tempo, no Brasil, e sobre múltiplas faces, expressão da complexidade que o envolve desde que a História tornou-se disciplina escolar” (FONSECA, 2003, p. 7).

No primeiro capítulo, A história do ensino de História: objeto fontes e historiografia, a autora faz uma reflexão conceitual significativa e mais geral sobre a história das disciplinas escolares e, em seguida, faz aprofundamentos, primeiramente, sobre A História como disciplina escolar e, finalmente, sobre a história do ensino de História.

Em A história do ensino de História no Brasil: tendências, segundo capítulo do livro, a autora destaca a produção relativamente pequena de estudos na temática em referência e aponta limitações quanto às fontes consultadas pelos pesquisadores que não acrescentam o papel da mass media na conformação da memória nacional.

No terceiro capítulo, Exaltar a Pátria ou formar o cidadão, Fonseca aborda a especificidade da História como disciplina escolar no Brasil, tecendo relações entre política, cultura e ensino de História. Por fim, em Procurando pistas, construindo conexões: a difusão do conhecimento, quarto e último capítulo, a autora procede à análise das formas de apropriação do conhecimento histórico, a partir da temática da escravidão brasileira entre os séculos XVI e XIX.

No processo de objetivação da investigação, a autora, consultou diversos livros didáticos da segunda metade do Século XX; documentos impressos, tais como, Instruções aos Professores, Decretos-Lei governamentais, hinários etc.; fontes manuscritas; jornais de época; bibliografia variada.



Figura 9 - Capa do livro de Elomar TAMBARA, de 2003, intitulado “Bosquejo de um Ostonor do Repertório de Textos Escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil”, Pelotas/RS: Seiva Publicações.

É interessante observar a publicação, em 2003, por iniciativa de Elomar Tambara, do livro “Bosquejo de um Ostonor do Repertório de Textos Escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil”, pela Seiva Publicações.

A obra reúne dados biográficos de autores e a relação de textos escolares utilizados ao longo do século XIX no Brasil. Neste caso, não se trata da construção de uma interpretação sobre o ensino escolar da época, mas sim, da disponibilização de uma base informativa importante para as pesquisas na área.

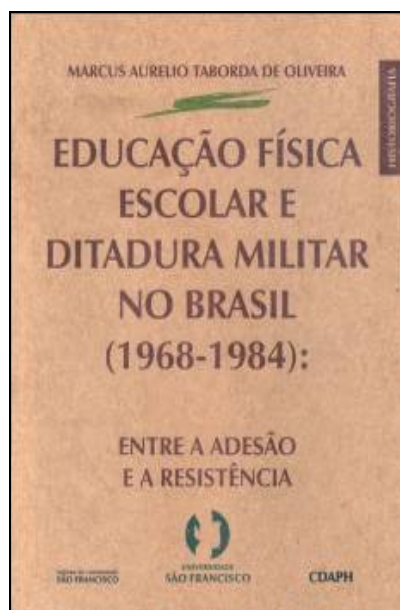


Figura 10 - Capa do livro de Marcus Aurelio Taborda de OLIVEIRA, de 2003, intitulado “Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência”, Bragança Paulista, EDUSF.

Sob o título de “Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência”, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, teve publicada pela Editora da Universidade São Francisco, em 2003, obra que resulta dos estudos do autor em vista do Curso de Doutorado realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação de Kazumi Munakata, no período compreendido entre 1997 e 2001.

A obra trata do processo de reconfiguração da disciplina escolar de Educação Física no Brasil na época da ditadura militar. Para tanto, serve-se de fontes tais como a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, os programas escolares para a Educação Física e os depoimentos de professores escolares de Educação Física.

Em termos teórico-metodológicos a investigação vincula-se ao campo da História das Disciplinas Escolares e tem como referência o pensamento de Edward Palmer Thompson, para quem o diálogo entre o ser e a consciência social é estruturador da experiência.

A obra evidencia o processo de adaptação entre o que preconizavam as políticas governamentais e as necessidades dos profissionais da área. Nesse sentido, a experiência dos professores escolares apontou para as reformulações da Educação Física brasileira que teriam lugar ao longo das décadas de 1980 e 1990.

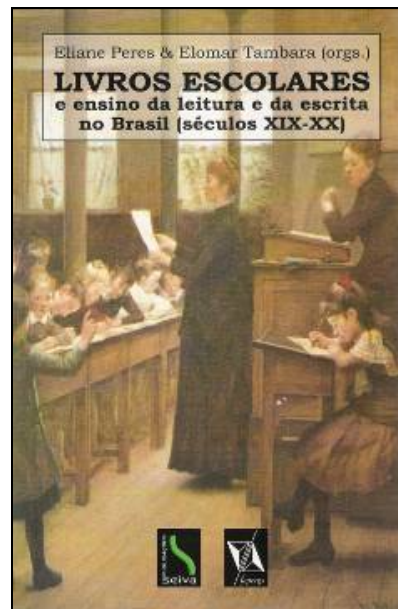


Figura 11 - Capa do livro organizado por Eliane PERES e Elomar TAMBARA, de 2003, intitulado “Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX-XX)”, Pelotas; Seiva.

A obra “Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX-XX)”, publicada em 2003, pela Editora Seiva, de Pelotas, foi organizada pelos pesquisadores Eliane Peres e Elomar Tambara. Conta com seis diferentes artigos, com autores de diversas universidades brasileiras, incluindo: Francisca Izabel Pereira Maciel, Isabel Cristina Alves da Silva, Lázara Nanci de Barros Amância, Eliane Peres, Elomar Tambara, Diana Gonçalves Vidal e Isabel Lourdes Esteves.

Segundo os organizadores, os textos reunidos na coletânea estão vinculados direta ou indiretamente ao projeto de pesquisa interinstitucional denominado “Cartilhas Escolares – ideários, práticas pedagógicas e editoras (MG, MT, RS, 1870-1996)”. Fruto de parceria interinstitucional de pesquisadores das universidades federais de Minas Gerais, Mato Grosso e Pelotas, sendo que alguns dos artigos apresentados na obra comunicam resultados parciais das pesquisas em andamento e outros guardam relação direta com a temática do referido projeto.

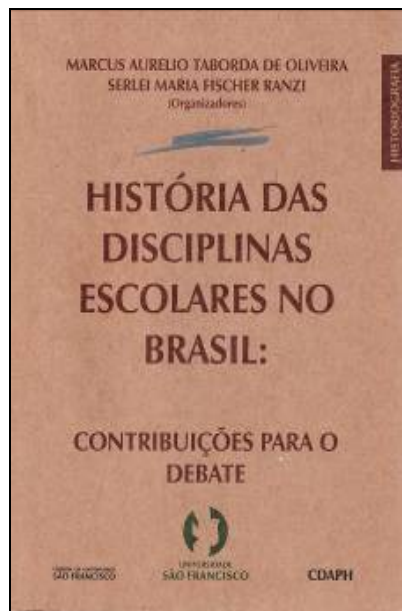


Figura 12 - Capa da coletânea organizada por Marcus Aurelio Taborda de OLIVEIRA e Serlei Maria Ficher RANZI, de 2003, intitulada “História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate”, Bragança Paulista, EDUSF.

Trata-se de importante coletânea para as reflexões em torno do tema da História das Disciplinas Escolares foi publicada pela Editora da Universidade São Francisco também em 2003, com organização de Marcus Aurelio Taborda de Oliveira e Serlei Maria Ficher Ranzi, ambos da Universidade Federal do Paraná, sob o título “História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate”.

A coletânea reúne textos que abordam temáticas diferenciadas no campo da História das Disciplinas Escolares, com aproximações de aspectos teórico-metodológicos e também de resultados de investigações recentes nos campos das disciplinas de Geografia, das Humanidades, da Educação Física, da Matemática, do Espanhol, da Física e da História.

Estas diferentes temáticas são desenvolvidas por diversos autores, vinculados, à época, a diferentes instituições universitárias, com predominância da Universidade Federal do Paraná, a saber: Circe Maria Fernandes Bittencourt (Universidade de São Paulo), Kazumi Munakata (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Alcione Luis Pereira Carvalho (Universidade Federal do Paraná), Maria do Carmo Martins (Universidade Estadual de Campinas), Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (Universidade Federal do Paraná), Wagner Rodrigues Valente (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Deise Cristina de Lima

Picanço (Universidade Federal do Paraná), Wagner Wuo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de Mogi das Cruzes), Serlei Maria Ficher Ranzi (Universidade Federal do Paraná) e Cleusa Maria Fuckner (Universidade Federal do Paraná).

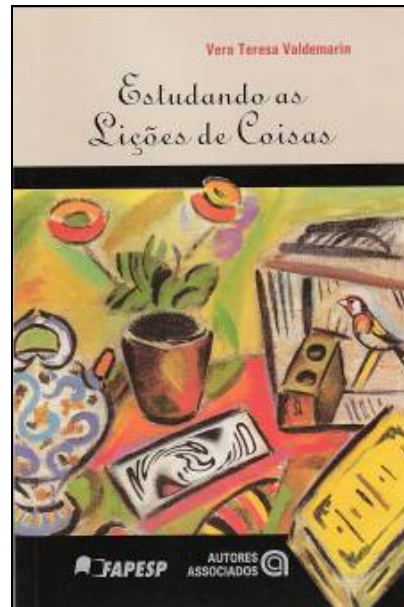


Figura 13 - Capa da obra “Estudando das Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método intuitivo”, de 2004, de autoria de Vera Teresa VALDEMARIN, São Paulo: Autores Associados.

A obra de Vera Teresa Valdemarin, “Estudando das Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método intuitivo”, publicada em 2004, pela editora Autores Associados, resulta de pesquisa apoiada pelo CNPq e de trabalho apresentado com vistas a obtenção da Livre-Docência na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em 2001.

No texto são analisados diferentes manuais didáticos utilizados por alunos e professores nas escolas brasileiros no período final do século XIX. Manuais estes que foram produzidos, divulgados e que circularam nas escolas brasileiras nessa época e contribuíram para renovação das práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar.

Contribuíram também, segundo a autora, para a consolidação de uma visão do exercício da docência como uma atividade complexa. Desse modo, ganha relevo a necessidade da profissionalização do professorado e a importância do método de ensino como elemento garantidor da aprendizagem.

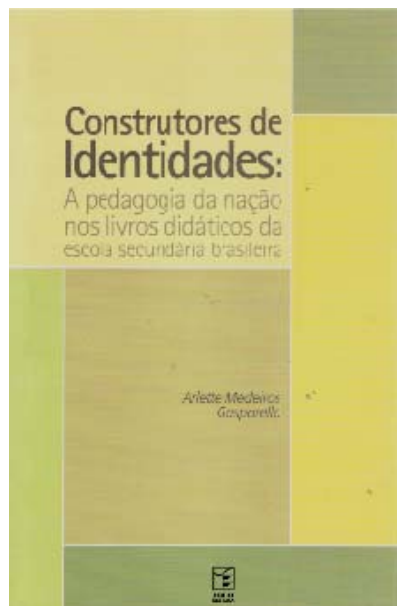


Figura 14 - Capa do livro de Arlette Medeiros GASPARELLO, de 2004, intitulado “Construtores de Identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira”, São Paulo: Iglu Editora.

Em 2004, encontrou publicação pela Iglu Editora a obra de Arlette Medeiros Gasparello, intitulada “Construtores de Identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira”. Trata-se de comunicação em forma de livro do resultado de investigação desenvolvida entre 1998 e 2002 no Curso de Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação de Kazumi Munakata, sendo que no processo de construção da interpretação histórico-educacional pela autora foram utilizadas,

[...] fontes localizadas principalmente no Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM) do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro/Centro); na Biblioteca Nacional; no Instituto Histórico e Geográfico (IHGB) e no Arquivo Nacional. Foram também realizadas consultas no acervo da Biblioteca do Livro Didático, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e na Biblioteca Central da Universidade Federal Fluminense (UFF). (GASPARELLO, 2004, p. 28-9)

A pesquisadora desenvolveu sua investigação com o emprego de fontes manuscritas; impressas, tais como anuários do Colégio Pedro II, livros didáticos, documentos parlamentares, programas de ensino, Leis e Decretos, Regimentos e Portarias, Publicações do Colégio Pedro II e Almanques; dicionários e enciclopédias; bibliografia ampla e diversificada.

A partir de referencial teórico calcado em Elias (1994), a autora optou por uma abordagem sociocultural da construção do discurso nacional na historiografia didática, tendo como fonte privilegiada o livro didático, tomado como objeto material e cultural que se consubstancia como um “espaço de relações” (GASPARELLO, 2004, p. 29), sendo que

o livro encontra-se organizado em quatro capítulos.

No primeiro, “A Instrução Secundária: um modelo nacional”, a autora deteve-se sobre o lugar institucional do Colégio de Pedro II, a corte, a escola na Modernidade, o ensino de Humanidades e o lugar do ensino de História, com aprofundamento no processo de institucionalização da disciplina História do Brasil em sua relação com a História Universal.

“A História Patriótica” é o título do segundo capítulo, que mergulha na caracterização dos princípios e ideais do nacional-patriotismo, animando esta produção historiográfica vinculada ao ensino secundário brasileiro no período de 1831 a 1861, com destaque para a abordagem da obra de Abreu e Lima e para o exame dos primeiros compêndios, em especial, da idéia de nação que comportavam.

No terceiro capítulo, A legitimação do modelo nacional (1861-1900), Gasparello aborda em profundidade o projeto de nação do IHGB e assinala a importância de Varnhagen nesse processo, bem como trata do conteúdo de história nacional contido nas Lições escritas por Joaquim Manuel de Macedo e Luis de Queirós Mattoso Maia.

Por fim, no quarto capítulo, A Nação nos Compêndios Republicanos, a autora, busca os marcos referenciais que passam a animar esta nova época de produção didático-historiográfica, com a abordagem da contribuição de Capistrano de Abreu para esse processo e tratamento aprofundado de autores como João Ribeiro, Pedro do Coutto, Mário de Veiga Cabral, Max Fleiuss, Basílio de Magalhães, etc.

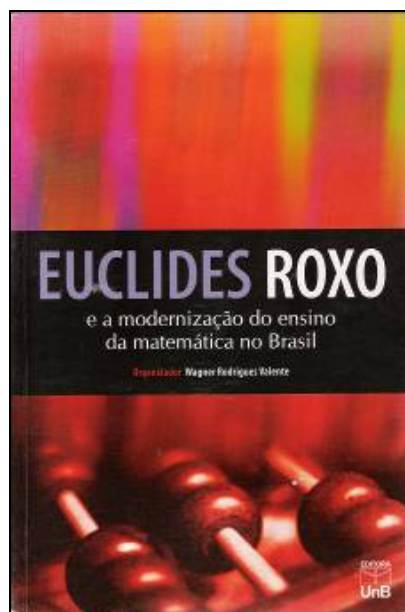


Figura 15 - Capa do livro organizado por Wagner Rodrigues VALENTE, de 2004, intitulado “Euclides Roxo e a Modernização do Ensino de Matemática no Brasil”, Brasília: Editora da UnB.

A obra organizada por Wagner Rodrigues Valente, em 2004, reúne estudos que abordam a educação matemática do final do século XIX ao início do século XX, em meio ao movimento de internacionalização da matemática escolar.

O primeiro capítulo foi escrito por Gert Schubring, da Alemanha. Os dois capítulos seguintes foram escritos, respectivamente, por Wagner Rodrigues Valente e João Bosco Pitombeira de Carvalho, do Brasil. Por fim, no quarto capítulo, foi inserido um texto de Euclides Roxo, originariamente publicado em 1937, intitulado “A matemática e o curso secundário”.

Em seus capítulos, a obra percorre o movimento de renovação do ensino da matemática escolar originária dos debates e propostas européias e o papel que Euclides Roxo e outros de sua geração assumiram na disseminação dessas idéias e concepções inovadoras no ensino brasileiro. Nessa direção, aprofunda o entendimento da atuação do professor Euclides Roxo na condução do ensino de matemática, disciplina por ele criada no Colégio Pedro II e que assumiu centralidade entre os componentes curriculares previstos na Reforma Francisco Campos, de 1931.



Figura 16 - Capa do livro de Décio GATTI JR., de 2004, intitulado “A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)”, Bauru/SP: Edusc, Uberlândia/MG, Edefu.

Ainda em 2004, foi publicada a obra de Décio Gatti Júnior, “A Escrita Escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)”, em regime de co-edição pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC) e pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia (EDUFU). Fruto de pesquisa desenvolvida no período de 1994 a 1998 no Curso de Doutorado em Educação (História e Filosofia da Educação) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação de Ester Buffa.

Na obra, as análises detiveram-se sobre as obras didáticas e os depoimentos de autores e editores de livros didáticos de História selecionados, com conclusões tais como a de que o processo de massificação do ensino brasileiro, iniciado na década de 1960 e aprofundado na década de 1970, motivou a transformação dos antigos manuais escolares nos modernos livros didáticos, significando a passagem do autor individual à equipe técnica responsável e

a evolução de uma produção editorial quase artesanal para a formação de uma poderosa e moderna indústria editorial.

Durante a investigação o olhar do pesquisador foi o sócio-histórico, concentrando-se no exame das mudanças dos conteúdos e formas editoriais em livros didáticos de História destinados aos Ensinos Fundamental e Médio, escritos e publicados no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990, bem como na análise de depoimentos colhidos ao longo do segundo semestre de 1997 junto aos autores e editores dos livros didáticos examinados.

Partiu-se da idéia de que os livros didáticos, nas décadas de 1970 e 1990 exerceram, simultaneamente, a função de portadores dos conteúdos explícitos e de organizadores das aulas de História nos níveis fundamental e médio da educação escolar brasileira. Do exame dessas fontes e mediante o cotejamento e o diálogo destas com a bibliografia pertinente, foram construídas as idéias centrais que conduzem o texto que comunica o resultado da investigação realizada.

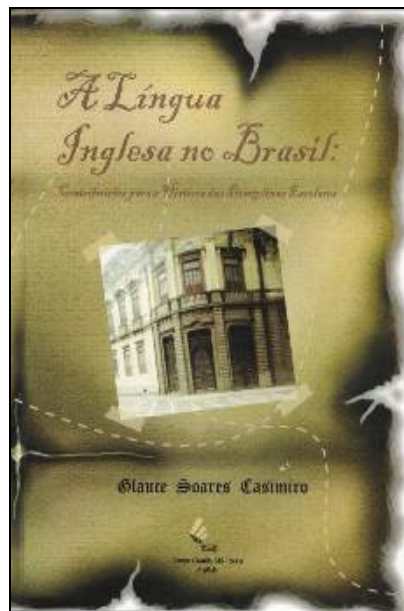


Figura 17 - Capa do livro de Glauce Soares CASIMIRO, de 2005, intitulado “A Língua Inglesa no Brasil: contribuições para a História das Disciplinas Escolares”, Campo Grande: Editora Uniderp.

O texto de Glauce Soares Casimiro, “A Língua Inglesa no Brasil: contribuições para a História das Disciplinas Escolares”, publicado em 2005, pela editora da Uniderp, resulta de pesquisa empreendida no período de 2001 a 2003 com vistas ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação de Eurize Caldas Pessanha.

A autora apresenta como objetivo do trabalho a análise da história da disciplina Língua Inglesa no ensino secundário brasileiro no período compreendido entre as décadas de 1930 e 1950. Para alcançar esse objetivo foram consultados os textos das reformas educacionais do período, os programas de ensino do Colégio Pedro II (localizado na cidade do Rio de Janeiro), os manuais e livros escolares elaborados pelos catedráticos desse

mesmo Colégio.

Segundo a autora, a pesquisa resultou na evidência de que tanto as reformas como os livros escolares traziam embutida a opção pelo método direto de ensino, cujos princípios são recomendados até hoje para o ensino de inglês nas escolas brasileiras.



Figura 18 - Capa da coletânea organizada por Isabel Cristina Alves da Silva FRADE e Francisca Izabel Pereira MACIEL, em 2006, sob o título “História da Alfabetização: produção difusão e circulação de livros (MG, RS, MT – Séc. XIX e XX)”, Belo Horizonte: Ceale/UFMG.

O livro organizado pelas pesquisadoras Isabel Cristina da Silva Frade e Francisca Izabel Pereira Maciel, “História da Alfabetização: produção difusão e circulação de livros (MG, RS, MT – Séc. XIX e XX)”, teve sua publicação, pelo Ceale/UFMG, em 2006. Resulta de projeto de pesquisa coordenado por ambas organizadoras, professoras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o título geral “Cartilhas: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização, do livro, da leitura e das práticas editoriais MG/RS/MT/ES/AM/UFF - 1834/1996”, desenvolvido desde 2001, com participação de pesquisadores de outras instituições de educação superior brasileiras. A obra em referência encontra-se dividida em quatro partes.

A primeira parte refere-se ao Estado de Minas Gerais, com redação pelas próprias organizadoras, abordando a questão das fontes para a história da alfabetização e dos livros em Minas Gerais, o papel da livraria Francisco Alves na difusão de livros escolares no Estado e a importância adquirida pela publicação “O Livro de Lili” em Minas Gerais. Na segunda parte foi abordada a realidade escolar de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com três textos redigidos por Eliane Peres, da Universidade Federal de Pelotas, abordando, inicialmente, um relato do desenvolvimento do projeto de pesquisa sobre Cartilhas Escolares em Pelotas. Em seguida, um texto sobre a produção e circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul e, por fim, um exame particular da produção didática de

Cecy Cordeiro Thofehrn.

Na terceira parte da obra, referente ao Estado de Mato Grosso, Lazara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso, da Universidade Federal de Mato Grosso, redigiram três textos, abordando, respectivamente, a temática das fontes para o estudo da produção e circulação de cartilhas no Estado de Mato Grosso; a particularidade da trajetória docente de uma alfabetizadora e da circulação da cartilha “Ada e Edu” no Mato Grosso. Por fim, na quarta e última parte da obra é apresentado um extenso repertório de livros escolares de alfabetização.

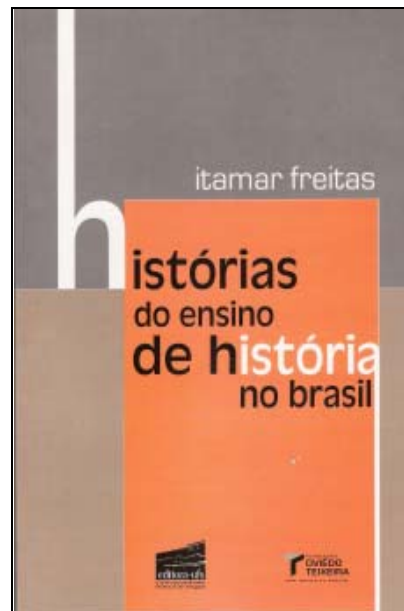


Figura 19 - Capa da coletânea de artigos de autoria de Itamar FREITAS, de 2006, sob o título geral “Histórias do Ensino de História no Brasil (1890-1945)”, São Cristóvão/SE: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira.

A última obra relacionada neste estudo reúne trabalhos produzidos entre 1997 e 2003 por Itamar Freitas, da Universidade Federal de Sergipe. Na primeira parte há textos que registram, respectivamente, os itinerários percorridos pelo ensino de história no Brasil, as marcas deixadas por Taunay em São Paulo e as preleções de Isoldi na Faculdade de Letras e Filosofia de São Paulo (1931-2). Na segunda parte, com seis textos, são abordados os seguintes temas: as diferentes pedagogias da história no alvorecer da República, a história universal de Benevides, a história erudita em São Paulo (1894-1940), os conselhos de Braudel para o ensino de história no Brasil (1936), o combate a francofilia em Murilo Mendes (1935) e, por último, o estilo pedagógico de Genolino Amado.

Por fim, o autor apresenta, em apêndice, um texto que antecipa o centenário de publicação da obra de Langlois e Seignobos (1898), “*Introduction aux Études Historiques*”, obra, segundo o autor, que contribuiu para a formação de toda uma escola de historiadores ao longo do século XX e que, menosprezada pelas gerações atuais de historiadores, acaba por tornar-se desconhecida.



Figura 20 - Capa da obra de Circe BITTENCOURT, intitulada “Livro Didático e Saber Escolar (1810-1910)”, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

A última obra relacionada à temática da história das disciplinas escolares foi publicada recentemente, em 2008, intitulada “Livro Didático e Saber Escolar (1810-1910)”, de autoria de Circe Bittencourt, pela Autêntica Editora, de Belo Horizonte. Texto que comunica o resultado pesquisa desenvolvida pela autora entre 1988 e 1993, no interior Curso de Doutorado em História Social na Universidade de São Paulo, sob orientação de Raquel Glezer.

De fato, o texto que deu origem ao livro é a tese de doutorado de Circe Bittencourt que está disponível na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo desde a época da defesa de seu doutorado, em 1993. Nestes quinze anos que separam o momento de defesa da tese à publicação em forma de livro, o texto ganhou circulação nacional e internacional, sendo reprografado por inúmeros pesquisadores. Sem dúvida, a publicação em forma de livro é importante pela possibilidade de ampliação do número de leitores da obra, para além do público especializado, bem como pelo maior permanência e durabilidade que a obra ganha nesse formato.

O livro manteve o texto da tese em sua quase integralidade, com divisão em três partes. Na primeira, intitulada “Literatura Escolar e Estado” a autora apresenta dois capítulos, nos quais aborda o papel do livro didático na construção do saber escolar e a relação entre o Estado e as editoras.

“Livro didático e disciplina escolar” é o título da segunda parte, também dividida em dois capítulos, nos quais são abordados diferentes temas. Primeiramente é realizado um histórico do ensino de História, por meio da análise dos programas de ensino e dos livros didáticos, com análise do percurso de passagem da História Sagrada à História Profana e os confrontos na produção didática em relação às proposições de uma História Universal ou de uma História das Civilizações. Em seguida, a autora, trata da emergência da História do

Brasil nos livros didáticos, por meio da análise dos autores dos compêndios, das temáticas e periodizações privilegiadas e da noção de tempo e espaço em obras específicas.

Na terceira e última parte, intitulada “Usos do livro didático”, a autora, também em dois capítulos, trata da relação estabelecida entre os livros didáticos e os professores, por meio da análise da formação e da atuação dos mestres normalistas ou leigos, das condições de trabalho desses mestres e sua relação com os livros, da especificidade dos professores-autores do ensino secundário e do diálogo dos autores com os mestres; dos usos dos livros didáticos nas salas de aula, por meio do tratamento de questões relacionadas aos métodos pedagógicos e as formas de leitura, bem como das salas de aula e as práticas de leitura.

Em seu processo de pesquisa, a autora utilizou-se de fontes manuscritas (correspondências, contratos, anotações), impressas (catálogos das editoras, relatórios, legislação e programas de ensino), periódicos (revistas), anuários de ensino, livros didáticos (História Geral e do Brasil), bem como de farta bibliografia de referência.

Considerações finais

Da análise dessa historiografia sobre a história do ensino de História mais recente, depreende-se a existência de uma hermenêutica que comporta a recusa de tratar à temática da disciplina escolar de modo prescritivo e a-histórico, o esforço em abordar a temática de modo compreensivo e, por fim, a busca da compreensão dos usos sociais das disciplinas nos diferentes níveis de ensino.

Ao lado dessa constatação, pode ser percebido o desenvolvimento de uma heurística da história das disciplinas escolares, na qual os historiadores trabalham com variadas fontes e evidências de pesquisa, tais como as mais comumente apresentadas nas investigações neste campo: bibliografia variada, documentos impressos e manuscritos, depoimentos orais e iconografia.

Conclui-se que a renovação advinda da virada antropológica no campo da História e da História da Educação possibilitou o estabelecimento, em melhores bases, de uma compreensão da dialética existente na relação entre a particularidade das atividades desenvolvidas pelos indivíduos nas escolas e o que se passa de modo mais geral na sociedade.

Notas

¹ Versão ampliada e complementada do trabalho apresentado no Painel 1 “História das Disciplinas Escolares” em 27 de junho de 2008, durante as atividades do 1º Seminário de História do Ensino da Matemática e das Ciências, realizado nos dias 27 e 28 de junho de 2008 na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Maria Helena Câmara; BUSNELLO, Fernanda de Bastani; LEMOS, Elizandra Ambrosio. A Disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1942-2002). *História da Educação*. v. 10, n. 19, p. 181-212, 2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917- 1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- _____. *Livro Didático e Saber Escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- _____. *Disciplinas Escolares: história e pesquisa*. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de e RANZI, Serlei Maria Fischer (orgs.). *História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista/SP: EDUSF/CDAPH. p. 9-38, 2003.
- CAIMI, Flávia Eloisa. *Conversas e Controvérsias: o ensino de História no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo/RS: UPF Editora, 2001.
- CARVALHO, Anelise M. M. *Pregadores de Idéias, Animadores de Vontades: livros didáticos nos anos 1930-1940*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paul, 1992.
- CARVALHO, Lúcia I. *A Distribuição e Circulação de Livros nas Escolas Paulistas: o livro didático em questão*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- CASIMIRO, Glauce Soares. *A Língua Inglesa no Brasil: contribuições para a História das Disciplinas Escolares*. Campo Grande: Editora Uniderp, 2005.
- CHERVEL, André. *História das Disciplinas Escolares. Teoria e Educação*. n. 2. p. 177-229, 1990.
- CHOPPIN, Alain. *L'histoire du livre et de l'édition scolaires: vers un état des lieux*. *Paedagogica Historica*. v. 38, n. 1. p. 21-49, 2002.
- ESCOLANO BENITO, Agustín (dir.). *Historia Ilustrada del Libro Escolar em España: de la posguerra a la reforma educativa*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas/SP: Papirus, 1993.
- _____. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas/SP: Papirus, 1997.
- FONSECA, Thais Nivia L. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *História da Alfabetização: produção difusão e circulação de livros (MG, RS, MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: Ceale/UFMG, 2006.
- FREITAS, Itamar. *Histórias do Ensino de História no Brasil (1890-1945)*. São Cristóvão/SE: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.
- GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de Identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu Editora, 2004.
- GATTI JR., Décio. *A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas*. Campinas/SP: Autores Associados, Uberlândia/MG, Editora da Universidade Federal de Uberlândia. p. 3-24, 2002.
- _____. *A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru/SP: Edusc, Uberlândia/MG, Edufu, 2004.
- JULIA, Dominique. *A Cultura escolar como objeto histórico*. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (Revisão técnica e adaptação da obra de Lana Mara Siman), Porto Alegre/RS: Editora Artes Médicas. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

- MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). *Histórias do Ensino da História no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Access, 1998.
- MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em Lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Editora Access, 2000.
- MIORIM, Maria Ângela. *Introdução à História da Educação Matemática*. São Paulo: Atual, 1998.
- MONARCHA, Carlos. (org.). *História da Educação Brasileira: formação do campo*. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 1999.
- NÓVOA, António. *História da Educação. Relatório da disciplina História da Educação, apresentado no âmbito das provas para obtenção da agregação*. [Impresso] Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1994.
- _____. *História da Educação: “novos sentidos, velhos problemas”*. In: MAGALHÃES, Justino (org.) *Fazer e Ensinar História da Educação*. Braga/Portugal: LUSOGRAFE, Universidade do Minho. p. 35-54, 1998.
- NUNES, Clarice (1996). *Ensino e Historiografia da Educação: problematização de uma hipótese*. Revista Brasileira de Educação. n.º 1. jan./abr. 1996. p. 67-79.
- _____. *O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula*. Revista Brasileira de História da Educação. n.º 6. jul./dez. 2003. p. 115-58, 2003.
- OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. *Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer. *História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (orgs.) *Livros Escolares e o Ensino da Leitura da Escrita no Brasil (séculos XIX e XX)*. Pelotas: Seiva, 2003.
- RIBEIRO, Sônia Tereza da Silva. *História da Educação ou do Ensino? Uma análise da disciplina nos cursos de formação de docentes*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 1995.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *Recordação para professoras: a História da Educação brasileira narrada por Afrânio Peixoto*. In: GONDRA, José (org.). *Dos Arquivos à Escrita da História: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX*. Bragança Paulista. Editora da Universidade São Francisco. p. 11-36, 2001.
- SANTOS, Maria Teresa. *Percurso e Situação do Ensino de História da Educação em Portugal*. In: GATTI JR., Décio e PINTASSILGO, Joaquim (orgs.). *Percurso e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*. Uberlândia/MG. EDUFU. p. 75-97, 2007.
- TAMBARA, Elomar. *Bosquejo de um Ostensor do Repertório de Textos Escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil*. Pelotas/RS: Seiva Publicações, 2003.
- VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando das Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método intuitivo*. São Paulo: Autores Associados, 2004.
- VALENTE, Wagner Rodrigues. *Uma História da Matemática Escolar no Brasil (1730-1930)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.
- _____. *Considerações sobre a Matemática Escolar numa Abordagem Histórica*. Cadernos de História da Educação. n. 3. p. 77-82, 2004.
- _____. *Euclides Roxo e a Modernização do Ensino de Matemática no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 2004
- VEIGA, Cynthia Greive e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *A Escrita da História da Educação Mineira: a produção de Paulo Krüger*. In: GONDRA, J. (org.). *Dos Arquivos à Escrita da História: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX*. Bragança Paulista. Editora da Universidade São Francisco. p. 37-58, 2001.

*A Escrita Brasileira Recente no Âmbito
de uma História das Disciplinas Escolares (1990-2008)*

WARDE, Mirian Jorge e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Política e Cultura na Produção da História da Educação no Brasil. Contemporaneidade e Educação. v. 5, n. 7. p. 9-33, 2000.

Correspondência

Décio Gatti Júnior – Professor da Universidade Federal de Uberlândia e Pesquisador do CNPq.
E-mail: degatti@ufu.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização do autor.
